

1 De volta à escola: começando a construir entendimentos sobre a escola possível

A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade sobre ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens.

(Arendt, 2000, p. 247)

Quando me propus a cursar o doutorado, imaginava um percurso completamente diferente do que este em que resultou esta tese. Acreditava que minhas pré-ideias poderiam conduzir-me com certa tranquilidade ao longo dos mais de quatro anos em que vem se desenvolvendo este estudo. Assim, com minhas certezas amparadas por uma série de teóricos e de reflexões prévias, parti para o campo de pesquisa esperando “aplicar” todo meu conhecimento e contribuir com mudanças significativas, mesmo que ainda no âmbito da abstração. Acreditava, também, que tudo isso pudesse levar compreensões fundamentais àqueles que estariam lá apenas esperando alguém como eu.

No entanto, as coisas não ocorreram como eu acreditava que deveriam e me vi aprendendo e reaprendendo a “fazer pesquisa” ao longo deste processo. Um processo que me conduziu a reavaliar a única forma que conhecia de analisar dados, que me fez rever minhas próprias posturas como professora e educadora, que me fez redescobrir o quanto o que compreendemos como conhecimento científico pode não ser suficiente para se fazer uma ciência engajada com o *outro* e seu conhecimento de mundo, e que, por tudo isso, me mostrou a fragilidade de nossas verdades.

Não posso dizer que eu desconhecia o que acabei de declarar e afirmo que julgava estar teoricamente preparada a partir dessas mesmas reflexões, mas a prática cotidiana me mostrou o quanto precisava vivê-las para realmente apreender o que experienciava.

Minha motivação para realizar esta pesquisa relaciona-se com minha vivência como estudante de escola pública, professora, militante política e social, e moradora da Zona Oeste periférica da cidade do Rio de Janeiro. Desta forma, as

questões sociais e culturais que permeiam a prática pedagógica são de grande interesse para mim, especialmente por compreender a importância do papel da escola em minha formação. Como pesquisadora, esperava ter a oportunidade de integrar o conhecimento acadêmico ao conhecimento local, buscando maneiras de envolver ativamente todos/as os/as participantes no processo da pesquisa.

Neste sentido, a tese passa a ter como proposta principal “pensarmos juntos”, proposta que se estende além do que registrarei aqui como entendimentos gerados durante todo o processo até a fase da escrita final.

O que está impresso neste trabalho discute questões que permeiam as dificuldades para a prática docente no ensino de língua portuguesa em uma escola pública localizada em uma comunidade carente na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Porém, esta pesquisa não tem a intenção de apresentar resultados que encerram o decurso da busca por inteligibilidades daquilo que vivenciei como professora junto a meus alunos, alunas e colegas.

Compreendo o processo de pesquisar como um curso dinâmico e complexo, cujos movimentos vão além da possibilidade de serem efetivamente capturados pelo olhar do/a pesquisador/a. Assim, os entendimentos estão sendo gerados mesmo agora, durante o processo desta escrita, e continuarão depois, nas leituras e releituras deste texto, por mim, por você e todos os/as interlocutores/as da pesquisa.

Mas, para apresentar o estudo, preciso fazer um retorno ao início, quando ainda pensava questões que julgava ser o foco de um ensino de língua portuguesa mais comprometido com tudo aquilo em que acreditava.

Minhas perguntas de pesquisa, a princípio, focavam os letramentos, em uma tentativa de compreender porque há um consenso arraigado no senso comum de que os/as alunos/as de escolas públicas “não conseguem ler e escrever direito”. Seguindo tal lógica, os/as alunos/as vão para escola para aprenderem determinados conteúdos e ao serem avaliados/as em provas unificadas criadas para ‘medir’ o conhecimento adquirido por esses/as alunos/as em resultados percentuais, percebe-se que a escola, ou os/as alunos/as, ou ambos, não cumpriram seu papel. Essas afirmações apóiam-se no que é divulgado pelas mídias (embora alguns pesquisadores também apontem para conclusões similares) e muitos não hesitam em indicar certo colapso da educação pública no Brasil

como causa para os problemas associados à leitura e à escrita (*cf.* Soares, 1992, 1995; Ribeiro, 1997).

Neste primeiro momento, buscava, portanto, compreender até que ponto tais crenças se configurariam como um problema real e como isso seria apreendido pelo corpo docente e discente de uma determinada escola pública. Como parte das estratégias de pesquisa, utilizaria atividades de letramentos que valorizassem os gêneros não-escolares assim como os letramentos e saberes locais daqueles/as alunos/as. Assim, parte da proposta era também observar como esses/as mesmos/as alunos/as – que parecem apresentar dificuldades em letramentos voltados aos gêneros escolares - produzem e participam eficientemente de outras práticas e eventos que envolvem diversas formas de leitura e escrita, e de saberes diferentes aos do mundo escolar (mas igualmente importantes e necessários as suas vidas e suas relações sociais). Um dos objetivos, por conseguinte, era utilizar letramentos não pertencentes ao universo escolar como mediação entre o mundo acadêmico e o mundo dos/as alunos/as, em uma tentativa de legitimar e valorizar aqueles excluídos ou não reconhecidos pela escola. Deste modo, buscaria atividades que pudessem aliar ambos os mundos (o da escola e o dos/as alunos/as) de forma a possibilitar entendimentos a partir da própria prática, inserindo todos/as os/as participantes ativamente na pesquisa.

Contudo, após o contato e a vivência em uma escola pública situada em uma favela na parte menos abastada da Zona Oeste carioca, a pesquisa tomou outros caminhos.

A primeira mudança de foco e, portanto, de rumo da pesquisa se deu a partir de minha inserção no magistério público como professora de língua portuguesa da rede municipal de ensino na cidade do Rio de Janeiro.

Quando iniciei o doutorado, em 2011, ainda não fazia parte do contexto da escola pública como professora, pois havia lecionado apenas na rede particular de ensino. No final de 2012, fui aprovada no concurso para o magistério público municipal do Rio de Janeiro, para o cargo de Professor I – Língua Portuguesa e, em julho de 2013, fui convocada e encaminhada para uma escola de difícil acesso na Vila Kennedy, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

O contato com o contexto da escola em uma área tão carente, com sérios problemas socioeconômicos e alto índice de violência proporcionou um choque de

realidade(s) que abalou muitas de minhas certezas e suposições acadêmicas, especialmente ao começar a refletir sobre questões específicas daquela escola.

Percebi que diversas dificuldades que encontrei em minha prática cotidiana, desde os primeiros dias de trabalho na escola, eram partilhadas pela maioria dos/as professores/as (não apenas os/as professores/as de língua) e essas dificuldades nos levavam a pensar na qualidade de nossas aulas, já que algumas vezes, sequer era possível “dar aula”, isto é, realizar as atividades que planejamos (da forma como concebemos o ensino formal). Também pude observar que estas dificuldades se relacionavam a uma série de impossibilidades e concessões que afetam a todos no ambiente escolar, interferindo na qualidade de vida no espaço escolar e, conseqüentemente, fazendo emergir uma série de insatisfações, tanto dos/as profissionais que atuam na escola quanto dos alunos e alunas.

1.1. Das perguntas e objetivos que norteiam esta pesquisa

Diante daquela nova vivência, as perguntas iniciais precisaram ser reformuladas de forma a possibilitar a geração de entendimentos sobre o que encontramos em nossa prática diária no contexto desta pesquisa. Assim, ao invés de investigar os letramentos em uma relação direta com a crise da educação pública (em uma perspectiva que partia de questões mais abrangentes para o escopo contextual e situacional), as indagações que norteiam este estudo surgiram a partir da vivência cotidiana na escola e apontaram outros caminhos a se conduzir a pesquisa.

A discussão sobre linguagem e letramentos, contudo, permaneceria como ponto de sustentação para as investigações, mas era urgente que o foco para as reflexões estivesse voltado para outra direção. Neste sentido, as perguntas de pesquisa tomaram forma a partir das interações e das situações vivenciadas durante o processo, possibilitando dialogar com as questões emergentes e que terminaram por conduzir este estudo.

Como pergunta inicial, nada mais coerente do que pensar a partir do impacto que sofri ao começar a lecionar naquela escola. Por isso, a primeira pergunta de pesquisa inclui essa observação (que se desdobra em uma sub-pergunta):

1. Quais as maiores dificuldades encontradas nesta escola? Como estas dificuldades são tratadas durante a prática docente?

A partir dessa pergunta e das primeiras etapas de mapeamento dos desafios que se impunham, considere a necessidade de buscar reflexões teóricas que pudessem dialogar com aquele contexto específico, de maneira a orientar não apenas meus olhares, mas a própria forma de pesquisar aquele(s) mundo(s) e também minha própria prática. Assim, a segunda pergunta de pesquisa considerou:

2. Que reflexões teórico-metodológicas podem embasar esta pesquisa de uma forma realmente engajada com o *outro* e sua cultura e apontar caminhos para a discussão sobre as questões emergentes na sala de aula?

Como a emergência¹ das questões no cotidiano escolar era a pauta para a análise, restava pensar como tratá-las, o que se configura na terceira pergunta:

3. Que questões emergem durante as interações em sala de aula possibilitando entendimentos que priorizem a qualidade de nossas relações e de nossas aulas?

Além destas três perguntas, faltava incluir questões sobre linguagem que apontariam para especificidades da minha prática pedagógica e abranger a discussão sobre letramentos:

4. De que forma essas questões estão relacionadas com o ensino de língua portuguesa? Como o ensino de língua portuguesa pode colaborar para a construção das possibilidades dentro do contexto desta pesquisa?

Retomando o percurso até o momento, posso depreender que o objetivo principal deste estudo é, portanto, gerar entendimentos acerca das dificuldades

¹ “emergência” aqui usada no sentido do que surge quanto do que urge.

encontradas para a prática pedagógica, mais especificamente para o ensino de língua portuguesa (disciplina que leciono na escola), de forma a se pensar a escola possível e assim priorizar a qualidade de vida² em nossas salas de aula.

Outros objetivos mais específicos também podem ser apontados:

- a) Mapear as principais dificuldades encontradas por todos (professores/as, funcionários/as e alunos/as) que afetam a prática pedagógica na escola;
- b) Observar e refletir sobre as questões emergentes (os *puzzles*) durante as interações em sala de aula;
- c) Compreender o papel da linguagem, do ensino de LP e dos letramentos nessas questões;
- d) Trabalhar de forma colaborativa e participativa, buscando envolver a todos no intuito de criar inteligibilidades a partir de diferentes perspectivas;
- e) Apresentar e discutir os resultados com os participantes e estimular a continuidade do trabalho de reflexão.

1.2. Da estruturação e organização deste trabalho

Este estudo está organizado em 7 capítulos que visam apresentar as bases teórico-metodológicas da pesquisa, assim como descrições críticas etnográficas e autoetnográficas sobre o contexto (tanto de forma mais abrangente quanto situada) e os/as participantes, e uma análise dos dados e dos entendimentos gerados pelas atividades com potencial exploratório.

O capítulo que se segue apresenta a escola pública e o ensino de língua em suas relações com questões sociais e culturais, discutindo o espaço escolar como local de produção e reprodução de desigualdades, preconceitos e exclusões. Os letramentos entram em foco sob esta perspectiva, buscando a compreensão de sua importância na legitimação e valorização da cultura e saberes locais.

² Compreendo *qualidade de vida* como a qualidade das relações que se estabelecem durante as interações no espaço escolar e a qualidade da(s) prática(s) pedagógica(s), voltadas à construção e ao empoderamento de cidadãos e cidadãs críticos/as, agentivos/as, autônomos/as, solidários/as e conscientes/as de seus papéis para a consolidação de uma sociedade plural, justa, progressista e democrática.

No capítulo 3, busco discutir considerações sobre dois paradigmas da linguagem, defendendo uma postura para o ensino de língua portuguesa voltada para a noção de linguagem como *práxis* e de reação interpretativa durante as práticas de letramentos. Também trago reflexões no âmbito da Linguística Aplicada apresentando discussões que abandonam a herança positivista nas pesquisas e o fazer científico tradicional, propondo um exercício de descolonialidade de nossas práticas enquanto pesquisadores/as, e introduzindo a Prática Exploratória como proposta de atitude analítica das atividades realizadas em sala de aula.

O quarto capítulo oferece uma reflexão acerca do pesquisador como antropólogo, com o intuito de aprofundar o debate sobre como compreender e proceder em relação à pesquisa de campo. Esse capítulo também desenvolve as noções de etnografia e autoetnografia que orientam a prática metodológica da pesquisa em campo. Além da discussão abstrata, o capítulo também apresenta os recursos, procedimentos, organização e proposta de análise dos dados gerados.

No capítulo 5, inicio a apresentação dos dados gerados e trago uma contextualização da comunidade da Vila Kennedy e da escola. Também apresento uma descrição crítica da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, dos procedimentos de trabalho, da rotina escolar e da greve de 2013/2014, com relatos e entrevistas com professores/as e outros/as profissionais. Além da contextualização, esse capítulo contém discussões a partir das notas de meu diário de campo e da entrevista realizada com os/as colegas professores/as, elaborando um inventário dos principais desafios e dificuldades que emergiram durante o processo de realização da pesquisa.

O sexto capítulo traz as questões emergentes e os *puzzles* que possibilitaram a geração de entendimentos. O foco reside na análise das atividades com potencial exploratório realizadas por duas turmas de oitavo ano e nas considerações a partir do olhar (auto)etnográfico e linguístico.

O último capítulo apresenta as considerações e reflexões contingentes de todo o processo investigatório e analítico da tese, retomando as perguntas de pesquisa e as principais questões apontadas pelo decurso exploratório.

1.3. Daquilo que importa

A relevância desta pesquisa se coloca na necessidade de se discutir a escola pública de dentro de seus muros, em suas especificidades, levando em conta, principalmente, as questões que afetam diretamente sua qualidade de vida (e que podem também orientar políticas públicas de educação mais relacionadas à experiência daqueles/as que vivem suas realidades).

Indispensável é também observar a urgência em dialogar com posturas voltadas a uma prática de ensino de língua que não reproduza desigualdades e exclusões, e que considere os saberes e letramentos locais.

Ainda mais importante, entretanto, é depreender a imprescindibilidade de se repensar as formas de pesquisar e seus focos, especialmente ao olhar para o *outro* e seus mundos, considerando a possibilidade de suas verdades culturais e periféricas serem tão verdadeiras – e importantes - quanto nossas certezas científicas.